

## A DOCÊNCIA COMO TRABALHO INVISÍVEL: A SUPEREXPLORAÇÃO COMO OBRIGAÇÃO

Rodrigo Augusto de Souza<sup>1</sup>  
Maria Eduarda Crisanto da Silva<sup>2</sup>

### Eixo 1 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

**Resumo:** O presente trabalho, resultado de atividade de pesquisa na disciplina Educação e Trabalho, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresenta como objetivo analisar a jornada de trabalho do professor e investigar como a superexploração profissional afeta no ensino. Para isso, recorrerá às contribuições da obra “A experiência do trabalho e a educação básica”, de Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta e “O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas”, de Maurice Tardif e Claude Lessard com o intuito de problematizar os dados levantados na pesquisa. Essa análise será feita com base em pesquisa empírica, realizada a partir de entrevista feita a uma docente temporária da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS.

**Palavras-chave:** Docência; Trabalho Docente; Superexploração do trabalho.

### Introdução

Este trabalho é resultado de atividade de pesquisa referente à disciplina Educação e Trabalho do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Seu objetivo consiste analisar a jornada de trabalho do professor e identificar como a superexploração do trabalho docente afeta no ensino. Com o intuito de fomentar a problematização na análise dos dados obtidos se recorrerá à “A experiência do trabalho e a educação básica”, de Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta e “O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas”, de Maurice Tardif e Claude Lessard. Os dados analisados no trabalho foram obtidos por meio pesquisa empírica, de entrevista voluntária feita com uma docente temporária da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS. Por razões éticas, o nome da docente será omitido para garantir a privacidade e a confidencialidade da colaboração. Outras informações consideradas pessoais também serão preservadas pela pesquisa.

Tendo por objetivo fazer correlação com a prática educacional e a jornada exaustiva de trabalho do docente no contexto atual, a fim de ter um pensamento crítico a respeito da sobrecarga e invisibilidade do docente, onde no atual momento a profissão vem deixando marcas permanentes, e de certa forma, passando a ser vista de forma idealizada por pessoas que vêm do outro lado a docência. Dessa forma o docente passa a deixar de ter sua liberdade e naturalidade, se tornando mais uma peça de todo o sistema onde seu trabalho é visto apenas na escola (o momento prático) e suas muitas horas de trabalho em casa são inferiorizadas como não contantes. Com base na pesquisa é que o presente ensaio foi elaborado, podendo-se compreender como a carga horária dos docentes ultrapassa as horas formais, e como essa rotina da dupla face do trabalho hiper romantizada é esgotante.

### A jornada de trabalho do docente como superexploração

Ao longo da história, o conceito de trabalho passou por diversas transformações, mas tornou-se comum associá-lo apenas à atividade remunerada, especialmente no contexto capitalista moderno. De acordo com Frigotto e Ciavatta (2010) o trabalho tem se resumido ao

<sup>1</sup> Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise (CNPq/UFMS).

<sup>2</sup> Acadêmica do curso Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

seu sentido de produção de bens úteis materiais que visa seus valores de uso, uma condição constitutiva da vida dos seres humanos. Essa visão restringe o significado do trabalho às funções que geram retorno financeiro, deixando de lado outras formas de trabalho igualmente exigentes, como o trabalho doméstico ou intelectual.

O docente exemplifica bem essa realidade já que além das horas em sala de aula, ele carrega para casa um volume significativo de tarefas, como planejamento, confecção de atividades novas que são constantemente exigidas pela instituições e relatórios pedagógicos. Esse esforço, muitas vezes é considerado invisível, não recebendo o devido reconhecimento, pois tudo aquilo que está fora do ambiente formal costuma a não ser visto como parte do trabalho e da jornada estipulada. Dessa forma, a dupla jornada do educador evidencia como o trabalho se estende para além da escola, sem necessariamente ser valorizado proporcionalmente ao impacto que gera na formação dos alunos e na sociedade.

Os autores Frigotto e Ciavatta tratam sobre a dupla jornada de trabalho e como esse trabalho se resume apenas às horas remuneradas, as outras horas têm sido constantemente deixadas de lado como se não fossem necessárias, sem prestígio ou nulas. Nesse sentido, em uma pesquisa feita por esses autores com donas de casa evidencia esse olhar casual visto do trabalho.

Assim, por exemplo, num diagnóstico feito em bairros populares da cidade de Ponta Grossa, no Paraná, mais de 90% das donas de casa respondiam negativamente quando indagadas se trabalhavam. Ao se pedir que descrevessem o que faziam durante o dia, nenhuma tinha jornada de trabalho menor que doze horas (Frigotto; Ciavatta, 2010, p. 11).

Deste modo, assim como ocorre com as donas de casa na pesquisa citada, o professor que leva trabalho para casa vivencia essa relação do trabalho onde o retorno financeiro teria que ser bem maior se comparado ao trabalho realizado por eles, mas neste local está a desvalorização, onde seu esforço adicional não é contabilizado dentro da carga horária formal. A desvalorização da jornada extraclasse do professor não pode ser analisada isoladamente, pois está inserida em um contexto mais amplo de organização social do trabalho.

A escola, como espaço de formação, não é um ambiente fechado e independente, mas sim um reflexo das estruturas econômicas e sociais que a permeiam. As demandas impostas aos docentes, muitas vezes invisibilizadas, dialogam diretamente com as condições de trabalho vigentes e com a forma como a sociedade reconhece (ou não) o valor da educação. Assim, o trabalho docente está intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais e políticas, tornando-se parte de um sistema que exige dedicação contínua, contudo, sem oferecer suporte proporcional a essa entrega. Como afirmam Tardif e Lessard (2012), a organização escolar na qual o trabalho é desenvolvido tampouco é um mundo fechado; ela não é autônoma, mas participa de um contexto social mais global no qual está inscrita.

O ensino exige um comprometimento contínuo que ultrapassa os muros da escola, tornando-se uma função que demanda atenção constante e dedicação pessoal, sem que essas horas sejam devidamente consideradas parte essencial do exercício da docência. Esse cenário reflete uma estrutura que naturaliza a sobrecarga de trabalho e evidencia a necessidade de uma maior valorização das atividades extraclasse realizadas pelos educadores. Dessa maneira, a sobrecarga enfrentada pelos educadores não deve ser vista apenas como um problema individual da categoria, mas sim como um reflexo das políticas educacionais e do reconhecimento social do ensino como um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

### **A imprevisibilidade e o trabalho invisível do docente**

O trabalho docente se distingue por sua complexidade e imprevisibilidade, pois lida diretamente com o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões. A educação envolve processos que não podem ser reduzidos a fórmulas fixas ou resultados previsíveis pois cada estudante carrega consigo uma história, uma subjetividade e necessidades específicas que desafiam qualquer tentativa de padronização. Nesse contexto, o professor se depara constantemente com a impossibilidade de total controle sobre os desdobramentos de sua atuação, uma vez que o aprendizado se dá de forma singular para cada indivíduo e em grupo com todos. Essa característica inerente ao ensino exige dos docentes uma capacidade de adaptação contínua, flexibilidade na abordagem pedagógica e sensibilidade para compreender os diversos ritmos e formas de aprendizagem presentes na sala de aula.

Além disso, lidando com seres humanos, os docentes se confrontam com a irredutibilidade do indivíduo em relação às regras gerais, aos esquemas globais, às rotinas coletivas. Trata-se de um trabalho cujo produto ou objeto sempre escapa, em diversos aspectos, à ação do trabalhador, enquanto o mesmo não acontece em muitíssimas outras atividades nos quais o objeto de trabalho fica inteiramente submetido à ação do trabalhador, que o controla como quer (Tardif; Lessard, 2012, p. 43).

O trabalho assalariado passa a ser uma moeda de troca como se fosse um tesouro, fazendo com que os indivíduos sejam capazes de fazer qualquer coisa por esse trabalho “seguro”. No caso da docência, essa busca por estabilidade financeira muitas vezes leva o professor a aceitar cargas horárias exaustivas fazendo com que o compromisso com o ensino seja algo indiferente. Essa sobrecarga compromete não apenas o bem-estar do docente, mas também sua capacidade de oferecer um ensino mais personalizado e atento às individualidades dos alunos. Já que muitas das vezes para se manter, é necessário que o docente trabalhe os dois períodos fazendo um verdadeiro malabarismo com os planejamentos e práticas distintas.

Em meio às exigências de cumprir currículos e metas, o professor, por falta de tempo e estrutura, vê-se obrigado a uniformizar o ensino, reduzindo as possibilidades de explorar as individualidades de cada estudante. Através das suas análises, Tardif e Lessard (2012) afirmam que é preciso considerar é que o trabalho do professor possui justamente aspectos formais e aspectos informais, e que se trata, portanto, ao mesmo tempo, de um trabalho flexível e codificado, controlado e autônomo. A escola, que deveria ser um espaço de valorização das diferenças, acaba se tornando um ambiente que poda a espontaneidade e a criatividade dos alunos, encaixando-os em um modelo padronizado que pouco dialoga com suas necessidades individuais. Dessa forma, a combinação entre a carga horária imensa e a pressão por resultados cria um cenário onde tanto o educador quanto o aluno perdem as oportunidades de crescimento e aprendizagem.

## Considerações Finais

Ser docente vai muito além da sala de aula e dos conteúdos ensinados, sendo uma responsabilidade que ultrapassa horários e fronteiras pessoais. A exaustiva carga horária e a sobrecarga de atividades fora do ambiente escolar transformam a docência em uma jornada de constante entrega, onde muitas vezes não há espaço para a vida pessoal. O compromisso com o ensino passa a consumir horas que deveriam ser dedicadas ao descanso, à família e ao lazer, deixando o docente em um ciclo de desgaste físico e emocional. Não sendo considerado um “trabalho” porque não está prevista na folha de pagamento, indo muito além das horas de planejamento e se tratando da criação de atividades novas que surpreendam os alunos.

Essa superexploração do tempo do professor não apenas compromete sua qualidade de vida, mas também impacta diretamente o próprio processo educativo. Um educador que precisa cumprir metas incessantes e lidar com um volume excessivo de trabalho acaba perdendo a liberdade de inovar, de adaptar sua abordagem às necessidades dos alunos e de tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo. O ensino, antes pautado pela criatividade e interação humana, se torna mecânico e previsível, reforçando um modelo monótono e robotizado que prioriza prazos e resultados, mas ignora o verdadeiro papel da educação que é de propiciar condições para que o aluno aprenda e possa se tornar um indivíduo com suas próprias ideias e características individuais, que possa entender que todos são diferentes e que isso não é um problema mas, muito pelo contrário com a autonomia/independência eles são capazes de transformar sua realidade.

Ao longo deste ensaio, ficou evidente que a condição do docente reflete um problema estrutural maior, enraizado na desvalorização do ensino e na normalização da sobrecarga de trabalho como parte inerente da profissão. Pensando que, pela sociedade, o professor é considerado em muitos casos, como alguém que não conseguiu fazer outra coisa, esquecendo que, para exercer tal função, precisou graduar-se em uma área específica e, portanto, possui capacidade para lecionar. Para que essa realidade mude, é necessário um olhar mais humano sobre os educadores, reconhecendo sua dedicação e proporcionando condições de trabalho que permitam que o ensino seja, de fato, um ato de construção coletiva, sensível e enriquecedor. A educação não pode ser reduzida a números e burocracias, ela precisa ser vista como um espaço vivo, onde professores e alunos têm a liberdade de explorar, questionar e aprender de forma plena. Afinal, se o docente é sufocado por suas obrigações, quem perde, no fim, são todos.

## Referências

- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os Professores depois da pandemia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, e249236, 2021.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7 ed. Petrópolis, R: Vozes, 2012.

## Anexo

### Roteiro para entrevista com docente

Entrevista com professores da rede pública

1) Identificação: nome, formação, trabalho (efetivo ou temporário), e rede municipal, estadual ou federal; Nome omitido por razões éticas.

Pedagoga pela UFMS, professora convocada (temporário) na rede municipal de ensino de Campo Grande/MS.

2) Fale sobre sua formação profissional. Onde estudou? Quais as dificuldades encontradas durante sua formação?

Ingressei na UFMS em 2020, logo após me formar no Ensino Médio, através do vestibular. Estava realizada pela oportunidade de estar na instituição, que sempre foi um sonho e modelo de formação para mim. Mas, infelizmente, logo no primeiro ano de curso, enfrentamos a pandemia que exigiu a utilização do sistema de ensino a distância. Nesse período enfrentei grandes dificuldades em me concentrar nos estudos estando em casa, considerando que meus familiares também estavam de quarentena e havia muitas distrações, além da falta de disciplina e do desânimo gerado pela falta de experiências que o presencial proporcionaria em condições normais. Já em 2022, foi possível retomar ao presencial, e a partir daí sinto que a trajetória foi muito mais prazerosa e proveitosa. No penúltimo ano passei a participar de um projeto de extensão no CEI Detran, e sou muito grata pelas vivências, que me ajudaram muito na formação, e foram possíveis através da universidade.

3) Você considera suficiente a formação que recebeu? Ela ajudou no seu trabalho como docente hoje? Há muita diferença entre a formação acadêmica e a prática pedagógica na escola?

A formação proporciona uma base importante, mas não suficiente por si só. Eu vejo que as teorias nos ajudam muito a entender e refletir sobre o que acontece criticamente, e os estágios nos mostram um pouco da realidade, mas só se aprende de fato, estando em sala de aula, vivendo o dia a dia do professor, já que este está em uma realidade específica e singular.

4) Conte-nos como você chegou ao cargo de professor(a) da rede pública? Foi por meio de concurso público?

Logo que me formei tive a oportunidade de fazer o processo seletivo para professor temporário do município. Felizmente, como tudo o que vimos no curso estava ainda muito “fresco” na mente, fiquei bem colocada e consegui, nos dois anos (2024 e 2025) de vigência do processo, um cargo em sala de aula.

5) Quais foram suas dificuldades para o seu ingresso no magistério da rede pública?

Na verdade, não houve muitas dificuldades no ingresso, já que não precisei estudar além do que estava vendo no curso, e consegui uma nota boa na primeira tentativa. Acredito que a parte mais difícil foi passar a enfrentar as dificuldades da realidade das salas de aula pela primeira vez, sem experiência como professora, apenas com o que vivemos nos estágios como uma base não tão sólida.

6) Sobre o seu salário. Você considera o salário adequado às suas necessidades como docente? Precisa complementar a sua renda com outras formas de trabalho?

Hoje, como não tenho dependentes e moro ainda com meus pais, é suficiente. Mas eu acredito que em outra realidade, em que a pessoa precisa sustentar casa e família, pode fazer falta um salário maior, considerando também os gastos específicos com recursos, impressões, locomoção, etc.

7) Há diferença entre os professores temporários e efetivos na escola pública? Em caso afirmativo, quais são essas diferenças?

No dia a dia percebemos poucas diferenças. Mas, no geral, há distinção com relação a ausências, quebra de contrato no meio do ano, que no caso de efetivo não acontece, salário no caso da regência no 1º ano, enfim, professores temporários não possuem os mesmos direitos e garantias que os docentes concursados.

8) Segundo a sua opinião, quais são as principais dificuldades para o seu trabalho como docente?

Hoje percebo uma dificuldade muito grande relacionada à indisciplina e falta de interesse dos alunos, bem como a comunicação com as famílias e trabalho em equipe em favor da aprendizagem.

9) Como você prepara suas aulas e realiza atividades docentes fora da sala de aula?

Tento fazer os planejamentos nos horários destinados a esse fim, mas quase sempre se leva trabalho para casa. Nessas aulas procuro trabalhar os conteúdos de formas variadas, sempre apontando para o que os alunos já sabem, permitindo também que eles exponham hipóteses e participem das aulas ativamente. As aulas fora da sala de aula não acontecem com tanta frequência, a não ser que esteja programada uma ida ao parquinho ou à biblioteca, por exemplo, principalmente porque as salas são bastante numerosas, e na maioria das vezes, não há local propício.

10) A docência foi uma opção para você? Por que tornou-se professor?

Eu sempre soube que queria trabalhar com crianças, sempre gostei e tive muita facilidade com elas. Cogitei ficar na área da saúde voltada à pediatria, mas tendo uma família em que a maioria das mulheres é pedagoga, também já tinha um olhar voltado para a docência, desde as brincadeiras na infância. Tendo a oportunidade do vestibular, tentei e consegui ingressar na faculdade, que aos poucos foi me encantando mais.

11) Você sente-se valorizado como professor (a)? Seja pelo Estado ou pela sociedade?

Sinto que não somos valorizados como merecemos. Principalmente se considerarmos todo o trabalho desenvolvido dentro, e também, fora da escola para atender a necessidade dos estudantes.

12) E a relação professor(a) e aluno(a). O professor (a) é uma autoridade em sala de aula? É respeitado (a)? Quais são as dificuldades encontradas?

Como já mencionado, percebo que hoje enfrentamos um grande problema com relação a indisciplina, e isso afeta diretamente essa questão do respeito e autoridade em sala de aula. Percebo que os alunos não veem mais os professores como autoridade, e por muitas vezes, testam os nossos limites estando desinteressados na aprendizagem, nos desrespeitando e desrespeitando os colegas, sem serem afetados pelas consequências dos seus atos, que geralmente estão relacionados a uma conversa com a coordenação, uma reunião com os pais, etc.

13) Como é a relação com a gestão da escola? Fale sobre a direção e a coordenação pedagógica. Felizmente, as minhas experiências foram todas muito boas. Trabalhei com gestores muito humanos e solícitos a nos atender em nossas necessidades.

14) O seu trabalho é avaliado pelos alunos(as), pela escola ou pelo Estado?

Geralmente somos acompanhados e avaliados mais efetivamente pelos coordenadores, que acompanham as nossas trajetórias desde os planejamentos, e por isso tem mais propriedade.

15) Como você avalia o seu trabalho?

Eu sei que ainda tenho muito o que aprender, considerando que este é o meu 2º ano como professora de fato, mas acredito que, na medida do possível, tenho entregado um bom trabalho, que percebe de fato as crianças, procurando atendê-las em todas as suas necessidades.

16) Você já teve algum problema de saúde ocasionado pelo seu trabalho como docente? Precisou de afastamento para tratamento de saúde? Poderia nos falar sobre isso? Como você avalia a sua saúde (física e mental)?

Me ocorreu na volta das férias do meio do ano em 2024, um problema de alergia das tintas que utilizaram para pintar o interior e exterior das salas, que ocasionou uma falta de voz por aproximadamente 4 dias, porque, infelizmente, o trabalho foi feito muito próximo ao nosso retorno, e o cheiro ainda exalava muito forte. Mentalmente eu acho que enfrentamos, ao decorrer do ano, uma “montanha russa” de emoções e sentimentos, em relação aos problemas em sala de aula e as demandas, que são muitas e por vezes nos desmotivam. Mas acredito que, quando se ama o que faz, aos poucos vamos nos restabelecendo e persistimos.

## **SOBRE O TRABALHO DOCENTE APÓS A PANDEMIA DA COVID-19**

17) Quais foram as principais dificuldades encontradas durante o seu trabalho como docente na pandemia de COVID-19?

Eu ainda não atuava como docente durante a pandemia.

18) Como você avalia o retorno das atividades presenciais? Como está sendo o trabalho docente no pós-pandemia?

Eu acredito que o retorno tenha sido muito desafiador, como foi para mim enquanto aluna, tendo que me readaptar. Vejo que ainda hoje colhemos frutos da pandemia em muitos alunos com defasagem de aprendizagem, principalmente com relação a alfabetização, já em séries finais do ensino fundamental.

## **OBSERVAÇÕES**

O professor/a é livre para realizar ou não a entrevista;

A participação é voluntária;

Por razões éticas, deve-se evitar ataques pessoais. Toda vez que se fizer necessário, o nome dos envolvidos pode ser protegido pelo anonimato ou por um nome fictício, que deve ser justificado em nota de rodapé. O/a docente pode solicitar o anonimato para participar da pesquisa. O nome da escola, se for o caso, também pode ser omitido. A pesquisa deve garantir que a privacidade dos participantes seja preservada, bem como a sua idoneidade.

Campo Grande, 23 de março de 2025.